

**COMENTÁRIO SOBRE O
PROJECTO DE LEI N.º 660/X
ESTABELECE O REGIME DE APLICAÇÃO DA
EDUCAÇÃO SEXUAL EM MEIO ESCOLAR**

A educação da sexualidade na escola não desfoca o papel central dos pais na educação dos seus filhos, nem de forma alguma os pode ultrapassar em algum dos seus direitos e deveres de pais e educadores. A escola deve sim, é cumprir o seu papel de educadora que lhe corresponde nesta matéria.

Entre todos os elementos exteriores à família, responsáveis pela educação e socialização da criança, adolescente e jovem é a escola a que se apresenta como elemento primordial. Quer os pais, quer a escola embora com responsabilidades, papeis e funções diferentes, sabem que nas áreas em que se cruzam só conseguem atingir os objectivos que pretendem se estes foram traçados e desenvolvidos em comum e de forma complementar.

A sexualidade engloba várias dimensões da pessoa humana: a biológica, a psicológica, a afectiva, a emocional, a social, a espiritual e a de construção de projecto de vida. Esta é uma das razões que faz com que a educação sexual dificilmente se possa fazer sem que estejam presentes valores e filosofias de vida estruturantes da Pessoa.

Nos últimos 10 anos temos mantido em aberto formações para professores e espaços de debate entre professores e entre professores, pais e famílias, com a finalidade de encontrar plataformas comuns quanto a objectivos, princípios, conteúdos e estratégias a desenvolver em programas de educação da sexualidade em meio escolar. Destes tempos de trabalho surgiram documentos, actualmente publicados, de orientação da educação da sexualidade em meio escolar e propostas de programas testados e aplicados que respondem aos objectivos considerados centrais para a construção dum conceito de sexualidade integrador de todas as dimensões da Pessoa.

Consideramos que se a educação da sexualidade não atinge esta finalidade não é mais do que meras informações médico-preventiva indicadora de comportamentos e não construtora de decisões autonomas, livres de pressão e conscientes da sua dimensão.

O documento que se encontra actualmente em discussão sugere-nos as seguintes reflexões como formadores a educadores:

I. A necessidade de formação dirigida aos professores

A necessidade de formação dos professores demonstra a responsabilidade destes e a consciencialização da vastidão das temáticas que compõem esta área humana.

II. A elaboração de projectos resultantes de consensos entre professores e entre pais e professores

A partilha com os pais dos objectivos que o projecto tem para os seus filhos torna a comunicação entre pais e professores mais efectiva, abrindo canais de comunicação e confiança mútua. Os professores ultrapassam a insegurança e o receio que os pais não concordem ou interpretem mal o que se diz e se discute em turma e os pais ficam mais confiantes, podendo abrir o diálogo em casa sobre os assuntos e o interesse destes para os seus filhos. Mas para que este processo resulte devem ser realmente estruturados em conjunto, objectivos e estratégias. Mesmo que a adesão dos pais seja reduzida a representatividade dos interessados tem “efeito de onda” com o tempo.

III. Identificação de valores comuns que sejam o alicerce dos projectos a desenvolver

A identificação dos valores a integrar numa educação da sexualidade é o centro de todas as questões. Depois de se estabelecer os mínimos, o resto são pormenores e ajustes.

Assim não podemos estar de acordo quanto aos conteúdos curriculares estarem definidos no projecto de lei. Os conteúdos devem ser definidos pelos professores e pais de cada grupo escolar pois são estes que tem o conhecimento real da população de adolescentes a que se dirigem, das suas necessidades, do contexto social, cultural e ambiental em que estão inseridos e quais os valores e princípios comuns que se reconhecem essenciais para uma educação sexual que pretende ser construtiva da pessoa e dos seus projectos futuros.

Apostamos em curriculos elaborados por professores, pais e educadores, composto por plataformas de consensos. Pais e professores são os actores que mais competências tem para responder às necessidades da população de estudantes da sua área.

Não reconhecemos pertinência na criação de um dia anual de educação sexual por várias razões entre elas o facto de não ter interesse hipervalorizar ou sobrevalorizar esta tematica.

Partilhamos a opinião que é da reflexão do conjunto das diversas reflexões de quem trabalha nesta área e se sente responsável pelo futuro da sociedade que se encontram as melhores soluções.

Os nossos adolescente e jovens merecem ter acesso a uma educação da sexualidade aberta, fundada numa consistente actualização científica, num alargado conhecimento sobre a pessoa humana em todos as dimensões que a compoem e na aquisição duma forte capacidade de reflexão e tomada de decisão.

Seguir um modelo ou fazer educação da sexualidade numa perspectiva biológica é uma tentação para qualquer escola ou grupo que trabalhe em Saúde Escolar, ou mesmo para os pais, mas fica muito aquém, mesmo muito aquém do que é necessário e importante, até para a simples prevenção da gravidez precoce ou das doenças da transmissão sexual este modelo se mostra eficaz.

O grande desafio da educação da sexualidade é virar a educação para a perspectiva da afectividade, da estruturação e construção da pessoa dando-lhe a possibilidade de poder vir a vivenciar um projecto de vida consistente.

Tezoz Tomé Ribeiro
Ces ↓ Professor - Braga

**COMENTÁRIO SOBRE O
PROJECTO DE LEI N.º 660/X
ESTABELECE O REGIME DE APLICAÇÃO DA
EDUCAÇÃO SEXUAL EM MEIO ESCOLAR**

Uma educação sexual que garanta uma relação de paridade, em que Homem e Mulher se olham ao mesmo nível que promova projectos parentais conscientes e responsáveis e que se insira na construção duma sociedade em que as diferenças não são percebidas como desigualdades, é hoje uma conquista essencial duma sociedade que se prepara para uma nova era social.

O ambiente fortemente sensual e erótico no qual vivemos, com expressão a todos os níveis, faz com que as nossas crianças e jovens cresçam e se desenvolvam confrontados com informações e conceitos sobre sexualidade muitas vezes contraditórios. Coexistem informações correctas e incorrectas ou mesmo cientificamente erradas que os leva muitas vezes a tomarem decisões com resultados nefastos para a sua saúde reprodutiva e sexual e para a sua vida afectiva e relacional.

Justifica-se assim que a educação sexual seja considerada uma preocupação na abordagem educativa para que os nossos jovens cheguem à idade adulta com competências de vida suficientes para fazer opções construtivas.

A sexualidade engloba várias dimensões da pessoa humana: a biológica, a psicológica, a afectiva, a emocional, a social, a espiritual e a de construção de projecto de vida. Esta é uma das razões que faz com que a educação sexual dificilmente se possa fazer sem que estejam presentes valores e filosofias de vida estruturantes da Pessoa.

A escola não quer nem pode substituir os pais, nem mesmo criar-lhes situações de fragilidade à autoridade que lhes é própria.

Nesta linha de pensamento o documento que se encontra actualmente em discussão sugere-nos as seguintes reflexões:

-pag.2 os jovens portugueses e europeus passam cerca de dois terços do dia na escola. Não é o tempo que legitima a autoridade da escola em matéria de educação sexual, mas sim a necessidade crescente de que essa matéria tenha também uma sede de discussão

-pag.2...o papel indispensável da família, dos pais... a escola existe como complemento da educação para a família, como parceiro da família e é a esta que se atribui a principal responsabilidade na educação e cuidado com os seus filhos.

-pag.3...O novo regime que ora se propõe define, nomeadamente, as finalidades da educação sexual, os conteúdos curriculares para os diferentes níveis de ensino... a finalidade da educação sexual na escola compreendemos ser importante estar especificada mas já não podemos estar de acordo quanto aos conteúdos curriculares serem definidos pelo legislador. Os conteúdos devem ser definidos pelos professores e pais de cada grupo escolar pois são estes que tem o conhecimento real da população de adolescentes a que se dirigem das suas necessidades, do contexto social, cultural e ambiental em que estão inseridos e quais os valores e princípios comuns que reconhecem essenciais a introduzir numa educação sexual que pretende ser construtiva da pessoa e dos seus projectos futuros.

-pag.3...*promovendo ainda a criação de um dia anual da educação sexual nas escolas.* Quanto à criação de um dia anual da educação sexual não lhe reconhecemos pertinência na sua realização por duas razões. Não existe nenhum dia anual dedicado às áreas curriculares mas sim dias dedicados a temáticas que envolvem várias áreas curriculares o que se torna importante por demonstrar o interesse da interligação que vários assuntos podem e devem ter. Por outro lado pretendesse que os adolescentes adquiram uma compreensão da sexualidade como uma dimensão pertencente à pessoa com importância igual a todas as outras dimensões.

-pag.4...*O disposto nos números anteriores não prejudica a transversalidade da educação sexual nas restantes disciplinas dos currículos dos diversos anos.* A dificuldade de se conseguir a sintonia e ajuste quanto aos princípios, valores e conteúdos a transmitir numa educação sexual é fortemente agravada e não ultrapassada se esta disciplina tivesse um carácter transversal em que o encontro entre as várias formas de ver, viver e educar em sexualidade se iriam confrontar criando nos adolescente e jovens uma base de insegurança. Apostamos em currículos elaborados por professores, pais e educadores composto por plataformas de consensos.

-pag.5 artigo nº4...*Conteúdos curriculares no ensino básico.* Não consideramos com utilidade definir conteúdos curriculares, objectivos sim, mas conteúdos curriculares não, pois estes devem estar não só adaptados à população a que se dirigem como também relacionados com o ambiente cultural, com os valores e com as competências que professores e pais considerarem centrais para a formação dos seus educandos.

Partilhamos a opinião que é da reflexão do conjunto das diversas reflexões de quem trabalha nesta área e se sente responsável pelo futuro da sociedade que se encontram as melhores soluções.

Tereza Tómi Ribeiro

Coord. do Professor - Braga